

**X Colóquio Internacional Michel Foucault
UNICAMP – 24 a 27 de outubro de 2016
— RESUMOS —**

1. ACÁCIO AUGUSTO

revolta, antipolítica e cultura libertária

em breve texto no qual situa a revolta, Michel Foucault aponta como esta introduz a subjetividade na história; não a das grandes lideranças, mas a de um qualquer que se dispõe ao combate, ao enfrentamento, à coragem daquele que prefere “o risco da morte do que a certeza de ter que obedecer”. Para captar o movimento de revolta é preciso olhar um pouco fora da história e um pouco atrás da política. A revolta rompe pactos e negociações, abre brechas e fissa relações de hierarquia. manifesta-se como tática de *ação direta* e está inscrita nas práticas da *cultura libertária*. a revolta ativa a *antipolítica*, que é antiestratégica e recusa as variadas formas de governo das condutas e as promessas teleológicas de transformação. é possível inscrever a revolta no que Foucault chamou de trans-história do cinismo e do ceticismo, como aparece na era moderna entre o terrorismo anarquista e o niilismo histórico dos russos. a partir de 1999, com a insurgência do *movimento antiglobalização* em Seattle e no planeta, revolta, anarquia e *antipolítica* se colocam de maneira ruidosa acordando os desavisados e respondendo ao intolerável. como é possível notar nas revoltas de rua dos gregos, nas *jornadas de junho de 2013* no Brasil e na multiplicidade de práticas de *ação direta*, de ações explosivas em prédios do governo e de grandes empresas à intervenções em espaços nos quais se realizam grandes encontros transnacionais de gestores do planeta. a *antipolítica* da revolta está além e aquém das disputas entre esquerdas e direitas. ela interpela progressismos e ataca conservadorismos. não teme a violência e afirma-se como força de invenção. revolta e anarquia são indissociáveis, são práticas que se potencializam se associadas ao rigor e ao vigor analíticos de um certo Foucault possível de ser articulado de uma perspectiva antidogmática, antiestatal e anticapitalista. a revolta ativa uma vida outra que se afirma em combate.

2. ALEXANDRE FILORDI DE CARVALHO

Creio na *insurreição* dos corpos: Foucault e a anarqueologia dos vivos de outros governos

De uma maneira bem rápida, Foucault cunha a expressão anarqueologia no curso ministrado no *Collège de France*, em 1980: *Do governo dos vivos*. O seu intuito era o de indicar a relação das práticas históricas com toda singularidade e contingência dos acontecimentos, bem como o de apresentar as suas imbricações com as experiências de constituição dos sujeitos. Levando em consideração tal dimensão e investigando o seu alcance, o trabalho explora a hipótese de que o corpo é um dos focos de experiência mais anarqueológicos do pensamento de Foucault, uma vez que o corpo singular luta, o tempo todo, contra as estratégias de captura de suas potências somáticas. Tal chave de leitura possibilitaria tomar, apesar das rupturas internas da trajetória foucaultiana, o corpo como campo de insurreição da função-sujeito com pretensões universalizantes. Para tanto, analisa-se a correlação de três movimentos: as insurreições necessárias ao corpo normoindividualizado, do corpo abstraído nas administrações populacionais e do corpo alisado por equivalências subjetivantes.

3. ALEXANDRE SIMÃO DE FREITAS

O espírito da revolta e a estrangeiridade do político: tomar as ruas, tomar a palavra para sonhar o impensado dom (poético) da política.

Nossa intervenção mobiliza uma meditação heterodoxa que focaliza um Foucault situado na aurora das primaveras árabes, contagiado com um Islã delirante, passeando livremente em uma poética dos sonhos, para afirmar algo em nossa experiência política que entra em colapso toda vez que tocamos uma política do espírito. Trata-se de situar um dom impensado aberto na ética do cuidado foucaultiana: um dom selvagem regido pela oferta onírica de um mundo onde tudo poderia ser diferente. Esse estranho dom embora não tenha despertado muita atenção dos comentadores e intérpretes do seu pensamento permite lidar com uma analítica delirante nos textos tardios de Foucault que, ignorando determinados interditos epistêmicos, aponta o sonho como um índice antropológico de condutas que, atravessando gerações, dissemina e transmite os signos de toda revolta por vir, escavando a contrapelo uma genealogia da alma e de nossas relações com ela. Isso nos conduz a duas séries de questões que estruturam o conjunto dessa reflexão: o que significa transpor a política para um diapasão espiritual, uma vez que esse deslocamento ruma quase sempre uma experiência suspeita de derrota e fundamentalismo? Como recusar um pensamento estratégico-utilitarista enquanto caminho de resistência ao poder, levantando o problema dos sonhos de que ainda somos capazes? No limite, essas duas questões ressoam a importância de vislumbrar no espírito poético da revolta a atualidade extemporânea da subjetivação política.

4. ALFREDO VEIGA-NETO

É preciso revoltar-se

Nesta comunicação, retomarei meus embates contra a ortodoxia de certas conexões que se estabelecem —ou que se proíbe estabelecer...— entre o pensamento de Michel Foucault e outros campos da Filosofia e das Ciências Humanas, bem como certos usos e leituras que se fazem do filósofo, especialmente na Educação. Ao procederem assim, tais conexões —ou suas proibições—, usos e leituras, além de prestarem um desserviço aos Estudos Foucaultianos, roubam-lhe parte da potência que eles mesmos nos oferecem. Nessas lutas, minha preocupação maior não é tanto com a sempre discutível fidelidade a Foucault, mas com a produtividade que podemos extrair dele.

Minha revolta se dará em dois planos. No primeiro, argumentarei contra a *não compreensão da imanência* da relação *pensamento foucaultiano—educação* e a consequente desvalorização que boa parte da Filosofia tem pela Educação. Vítima de uma grosseira redução epistemológica, em termos foucaultianos tal desvalorização, além de paradoxal, manifesta-se ora pelo silêncio, ora pelo lamentável desprezo. No segundo plano, terço armas contra o *uso impertinente* do pensamento foucaultiano na Educação. Nesse caso, minha discussão girará em torno daquilo que, também na falta de melhor expressão, denomino “limites entre pertinência e impertinência”; em outras palavras: problematizarei o quão longe podem nos levar as ferramentas foucaultianas, uma questão manifesta do conhecido conflito semiótico “interpretação *versus* superinterpretação”.

Nada disso tem a ver com alguma tentativa de policiar ou normatizar as leituras que se pode fazer de Foucault; tem a ver, sim, com o exercício crítico wittgensteiniano de se saber sobre o que se está falando. Argumentarei que o uso impertinente —em termos do que *não deve* ser

dito e o que *não pode* ser dito— acaba servindo de munição e como condição de possibilidade para a desvalorização da própria Educação.

5. ANA CAROLINA ARRUDA DE TOLEDO MURGEL

Compositoras brasileiras nos anos de 1970: contracondutas ou contracultura?

Na aula de 1º de março de 1978, Foucault trata das insurreições de conduta ao poder pastoral e ao governo, este último a partir do fim do século XVII e início do XVIII quando, segundo o autor, “o governo pôs-se também a querer se encarregar da conduta dos homens, a querer conduzi-los, a partir desse momento vamos ver que os conflitos de conduta já não vão se produzir tanto do lado da instituição religiosa, e sim, muito mais, do lado das instituições políticas. E vamos ter conflitos de conduta nos confins, nas margens da instituição política”.

Entre os exemplos desses conflitos, Foucault cita o estatuto das mulheres: “[...] E vemos que essas revoltas de conduta estão muitas vezes ligadas a esse problema das mulheres, do seu estatuto na sociedade, na sociedade civil e na sociedade religiosa”. O autor define como “contracondutas” essas insurreições ou revoltas.

É evidente que, como afirma Deleuze, Foucault foi impactado em seu pensamento pelos movimentos contraculturais que eclodiram em diversas partes do mundo na década de 1960. Mas o que diferencia a contraconduta da contracultura?

As compositoras brasileiras, desde o século XIX, se rebelaram contra as condutas estabelecidas, e a partir dos anos de 1970, isto se tornou bastante evidente na produção musical de artistas como Rita Lee, Luhli & Lucina, Joyce, Ana Terra e Sueli Costa, entre muitas outras. Propomos com essa comunicação discutir as relações entre contraconduta e contracultura na canção popular produzida por algumas dessas mulheres.

6. ANDRÉ DUARTE

“São muitos os poderes, são muitos os sujeitos: Foucault, pensador do presente em sua multiplicidade”

Foucault não é um pensador ‘do’ poder nem tampouco um pensador ‘do’ sujeito, mas antes um investigador das múltiplas correlações históricas entre sujeitos e poderes. Ao longo de sua obra tais correlações foram pensadas de maneiras distintas, porém complementares, apresentando-nos assim um rico e variado catálogo histórico de possibilidades. Este texto pretende mapear quatro diferentes figuras dessa correlação entre sujeitos e poderes na obra foucaultiana: 1) poderes repressivos e sujeitos excluídos; 2) poderes positivos e sujeitos resistentes num enfrentamento agonístico de forças; 3) poderes de governo e sujeitos críticos das contra-condutas; 4) poderes excessivos e sujeitos revoltosos e insubordinados. Meu argumento não é o de que Foucault tenha revisado ou revogado suas concepções precedentes acerca da correlação entre sujeito e poder, mas que sua obra nos apresenta um complexo panorama acerca da multiplicidade histórica possível dessas correlações, as quais não se anulam entre si, mas, permanecendo distintas, podem perfeitamente coexistir. Se em cada momento de sua reflexão Foucault tendeu a privilegiar uma dessas figuras, resta ao menos a hipótese de que todas elas nos ajudam a pensar as diferentes figuras da subjetividade e do poder em nosso presente histórico.

7. CESAR CANDIOTTO

Política, revolução e processos de subjetivação

Nesta comunicação pretendemos percorrer analiticamente alguns aspectos do pensamento de M. Foucault entre 1976 a 1984 para identificar os principais deslocamentos da articulação entre política, Revolução e processos de subjetivação. Fundamentalmente, serão investigadas as razões pelas quais a Revolução, como ponto de partida para pensar a política, é abandonada - principalmente, na sua formulação pelo stalinismo de Partido e pela extrema esquerda da época de Foucault; será estudado como a política é reconfigurada pela perspectiva da governamentalidade (1978) e, até que ponto a indocilidade refletida, a insubmissão voluntária e as contracondutas, como novas designações das resistências ao poder, questionam-no radicalmente ou envolvem somente uma mudança de seus agentes e sua forma de operacionalidade; será analisado como, nos anos oitenta, o conceito de governamentalidade permite pensar em um complexo equilíbrio entre dois eixos: a transformação do sujeito (ou os processos de subjetivação) e a transformação imanente do mundo (a luta por um mundo outro a partir da coragem da verdade); enfim, procura-se mostrar como o conceito de Revolução é repensado no interior destes dois movimentos, ou seja, como “conversão” (no movimento de transformação do sujeito) e como “vida militante” (no movimento de transformação do mundo). A hipótese fundamental é que a introdução dos processos de subjetivação no interior do quadro analítico da governamentalidade propiciou um deslocamento teórico na articulação entre política e Revolução: esta última deixou de ser uma diretriz referencial para pensar a política e passa a ser concebida em termos de seus efeitos histórico-filosóficos na constituição do sujeito.

8. CLEUDEMAR FERNANDES

Insurreições como práticas discursivas na política do presente

A obra de Michel Foucault faz constantes retomadas e referências ao discurso como práticas definidas pelos lugares assumidos pelos sujeitos em enunciação, e apontadas como campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. Não se trata, seguramente, de pontos fixos característicos dos sujeitos, trata-se de movência, de deslocamentos e transformações constantes na constituição dos sujeitos e na produção da subjetividade. Diante desses apontamentos, refletiremos sobre algumas práticas discursivas do campo político na atualidade do Brasil, com ênfase na produção desenfreada de enunciados caracterizados por violência, austeridade e agressão. Esses enunciados, enquanto elementos de discursos que circulam livremente em espaços virtuais, exibem posicionamentos de sujeitos insurrectos na história do presente. Com Foucault, aventamos que as insurreições, por meio de enunciados dispersos no cotidiano, ganham forma de micro lutas, e, como atitudes de contraconduta, levam-nos a refletir sobre a política em relação com as formas de subjetivação.

9. CRISTIANE MARINHO

A POTÊNCIA DA EDUCAÇÃO DE SUBJETIVIDADES INSURGENTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA POLÍTICA

No século XXI, a figura do intelectual tradicional, tanto de esquerda quanto de direita e portador de uma verdade iluminadora e universal, formado pela educação conservadora já não cabe nas práticas políticas das manifestações coletivas e nos movimentos sociais segmentados e contestadores de uma proposta política única que ainda hoje se desenha no horizonte. Diante dessa realidade, a presente investigação busca explicitar a potência da educação de subjetividades insurgentes, distantes da figura do intelectual iluminista, na construção de uma nova política. A ética foucaultiana, ao implicar no exercício das práticas de liberdade de subjetividades insurgentes, como resistência aos poderes em sua invenção de uma estética da existência, pode delinear o espaço de uma política decorrente dessa nova forma de enfrentamento do poder, bem como implicar em transformações do exercício político. Portanto, condizente com o *ethos* contemporâneo, vamos investigar a produção subjetiva contemporânea de uma estética da existência a partir de uma educação para a insurgência e como isso pode possibilitar uma forma outra de fazer política, que vai desde a emergência de movimentos sociais diversificados até às experiências democráticas não representativas decorrentes da insatisfação atual com as teorias da representação política e suas instituições.

10. DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA

A gratuidade como revolta

Como curto-circuitar o *ethos* neoliberal? Segundo Michel Foucault, “quando o lazer é a regra, o ócio constitui uma espécie de desvio”. A partir desta distinção entre ócio e lazer, fundamental para a compreensão das sociedades contemporâneas, propomos analisar a gratuidade como forma de desmanche do *homo oeconomicus*. Nossa intenção é também a de perceber como é possível rebelar-se quando se é incitado a interpretar a vida como algo dependente unicamente da seguinte ameaça: viver com sucesso ou sucumbir no fracasso.

11. DIOGO SARDINHA

Foucault pró e contra

Se considerarmos a insurreição como um acontecimento finito, que não funda nada, não instaura nem uma nova normalidade nem uma nova lei e mais não é do que uma aceleração de devires sem projeção no porvir, poderemos ser acusados de preferir o que é da ordem da simples negação, em detrimento da proposta substancial e ainda menos da construção positiva. Mas tal seria ignorar o fato que o movimento crítico contra um estado de coisas é sempre acompanhado de uma proposta (por vezes mesmo: da atualização) de um outro estado de coisas; e toda insurreição, de uma libertação de novas possibilidades e novas formas de ser. Por isso, cada explicação que daremos do modo como Foucault opõe-se (ou de como dá conta de uma oposição) a um determinado estado de coisas, manifestará os elementos positivos que, ao mesmo tempo, estão implicados nesse modo de opor-se. Podemos exprimir esta relação recorrendo aos vocábulos *pró* e *contra* e afirmar então que a crítica lançada *contra* algo tem

sempre uma dimensão de *por* outra coisa. Na conferência, examinaremos algumas aplicações concretas desta ideia.

12. EDSON PASSETTI

a arquitetura da revolta

a revolta esbanja coragem diante do insuportável. ela não é superior ou secundária diante da revolução; somente explicita a coragem de enfrentar a autoridade superior, mesmo que com isso se perca a vida. é uma insurreição que provoca o acontecimento inesperado ao soberano (pai, rei, governante), que leva às possíveis reformas imediatas, à substituição ou às supressão do soberano. a revolta está presente no dia a dia, e nisso ela também se difere de uma revolução sempre preparada, conspiradora e anunciadora de uma nova ordem. a revolta produz relações inéditas de contrapoder, assimiláveis gradativamente, ou mesmo de antipoder. ela revira as concepções de mundo, instituindo novas vidas ou inaugurando outra vida. o final do século XX trouxe as revoltas de minorias que surpreenderam a representação política convencional (democrática e socialista) e são por elas absorvidas sob a forma de direitos. porém, no início do século XXI, mais do que se acomodar à convocação à participação, própria da democracia e da racionalidade neoliberal, as revoltas permaneceram enunciando a antipolítica que se distingue do terrorismo moderno e do contemporâneo (transterritorial e religioso). seja para presença da *ação direta* dos black bloc, ou mesmo da cultura libertária, a revolta produz confrontos instantâneos e constantes. o revoltado é também um parresiasta público, na mesma medida em que a criança enuncia liberdades insuportáveis e é tomada como objeto de investimento familiar e estatal de governos da moral. o alvoroço é salutar no desmantelamento da família monogâmica reformada, nos prazeres sexuais, na coexistência entre resistências. a revolta educa para a atitude corajosa no ramerrame agônico das relações de poder. a revolta sublinha que a sociedade não é uma totalidade, que a realidade comporta infundáveis reais e que as convenções são efeitos diplomáticos na gestão do *mesmo*. escritos, ditos e o curso *a coragem da verdade* de michel foucault fornecem elementos do real que escapa dos arranjos idealizáveis.

13. ERNANI CHAVES

Insolência, insurreição, revolta: da figura do revolucionário como cínico.

Ao escrever sua história da filosofia a contrapelo nos seus últimos seminários no Collège de France, Foucault assinala no cinismo antigo o ponto mais extremo e mais radical da confrontação do filósofo com sua missão. Não se tratava mais da missão socrática, baseada no ensino da virtude, muito menos a do legislador Sólon, baseada no reconhecimento da importância da cidade, mas sim de um gesto de insolência, de insurreição, de revolta. Gesto que é, ao mesmo tempo, ético e político, que diz respeito não apenas à verdade como conquista do logos, mas principalmente à verdade como ato de coragem. Em vez de pensar que o cinismo antigo pertence ao passado desde que seu gesto inicial parece ter sido sepultado e revertido pelo cinismo moderno, ele o descobre em alguns outros gestos que nos podem ser devolvidos pela história: no ascetismo cristão medieval, na figura do revolucionário e do artista moderno no século XIX. Meu objetivo é, a partir de Foucault, pensar a figura do “revolucionário” na nossa época, pensar se ela ainda é possível de existir e ainda, ao qual preço ela ainda pode continuar produzindo efeitos de verdade.

14. FABIENNE BRUGÈRE

"L'insoumission contre-conduite féministe"

Il s'agira de commencer avec le concept d'"usage" chez Michel Foucault comme possibilité d'un rapport subjectif à la règle; les conduites ne s'effacent pas sous l'universalité et l'applicabilité de la règle. Elles peuvent inaugurer des contre-conduites minoritaires qui peuvent produire des politiques de contestation du côté de formes d'action inhabituelles. Ces politiques revendiquées par Foucault peuvent-elles être utiles dans les combats féministes? Ont-elles été utilisées par les féministes et ont-elles produit des résultats? J'aimerais montrer qu'elles ont toujours pour préalable une insoumission qui vaut comme un rejet des identités sexuées. Cette forme d'insoumission caractérise les soulèvements ou les expériences de démocratie radicale et rend bien possible des politiques féministes.

15. GUILLAUME LeBLANC

"Le soulèvement des singularités"

"Il s'agira dans mon intervention de repartir d'une remarque de Foucault dans le cours au Collège de France, "L'herméneutique du sujet", selon laquelle il faudrait faire une histoire des subjectivités févolutionnaires". Celle-ci ne réside pas tant dans la conversion à la révolution comme événement objectif que dans un "ethos", une manière d'être et de vivre à la limite de la mort qui est le soulèvement. La possibilité du soulèvement ne renvoie pas à un principe a priori mais à une rage de la vie exténuée qui risque tout pour préserver la singularité qui la porte. Le soulèvement est toujours celui d'une singularité contre un universel en position de pouvoir. Il propage la frénésie de l'écart dans le tissu ordonné des normes et peut valoir dès lors comme une sorte de transcendantal de la vie non gouvernée."

16. HAROLDO RESENDE

A guerra em defesa da sociedade e a insurreição do sujeito

Pretende-se discutir a guerra como defesa da sociedade contra os perigos que surgem e se insurgem no próprio corpo social, de modo que a série sistemática *segurança- população- governo* será mobilizada para pensar o Estado no campo da análise dos micropoderes, entendendo que a gestão dos processos biossociológicos das massas humanas, nos quais a educação se inclui, envolve o aparelho de Estado, uma vez que nele que se encontram órgãos de coordenação e centralização voltados para essa gestão. Daí desdobra-se a discussão com a questão de Foucault: *é inútil sublevar-se?* para refletir sobre a potência insurrecional do sujeito considerado na singularidade de sua *revolta de conduta* como resistência ao poder, como perigo que brota da própria população e que gera a necessidade da guerra.

17. HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES

O ronco surdo da batalha: o GIP como modo de insurreição

Apoiada em publicações sobre o GIP – especialmente os arquivos organizados por Artières et al. e as brochuras que integram a série *L'intolérable* –, a comunicação pretende por em pauta a atualidade dos modos de ação e de pesquisa do Grupo de Informação sobre as Prisões no que tange às revoltas/insurreições contemporâneas. As implicações dos intelectuais nesse processo são especialmente destacadas, na esteira da “indignidade de falar pelos outros” ressaltada por Michel Foucault.

18. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO

Sobre violências e insurreições: Foucault e a história recente da Argentina (1976-2001)

O objetivo dessa comunicação é observar algumas contribuições do pensamento de M. Foucault para a compreensão e discussão conceitual em torno de processos históricos recentes da Argentina. No recorte entre 1976 e 2001, que inclui a ditadura militar e a insurreição liderada pelos *piqueteros*, que provocou um colapso na ordem política representativa, temos um conjunto de temas e de projetos em torno de uma lógica conflitiva dos processos na sociedade argentina. Os usos de Foucault numa sociedade marcada pela violência da ditadura e pelas experiências de novos movimentos sociais à margem das instâncias tradicionais (partidos, sindicatos etc) nos instiga pensar sobre os processos de insurreição e a redefinição de identidades. Para tal análise pretendemos observar: 1) a subjetivação que esses grupos sociais produzem em torno de si mesmos – do trauma da ditadura à demanda do “*¡que se vayan todos!*” e os modelos que sujeitos distintos estabelecem com os processos de legitimação política e das relações de dominação; 2) a autorrepresentação de diferentes grupos, que remete tanto às políticas de memória em torno das vítimas da ditadura quanto aos discursos que fragmentam a política tradicional, produz uma nova configuração das noções de poder e sujeito. A ousadia do pensamento foucaultiano inspira pensar as noções de resistência e poder e suas oscilações em momentos distintos da história argentina e permite desestabilizar certas explicações e potencializar as diferenças.

19. JOSÉ LUIS CÂMARA LEME

Como Declinar a Revolução. De Furio Jesi a Michel Foucault

A comunicação visa comparar a reflexão de Michel Foucault sobre a revolução iraniana com a fenomenologia da revolta que Furio Jesi realizou nos seus escritos seminais, e infelizmente pouco estudados. A comparação terá três eixos: primeiro, uma analítica dos conceitos de revolução, revolta e insurreição; a seguir, uma fenomenologia da revolta; e, finalmente, uma ética da insubordinação.

20. LUANA SATURNINO TVARDOVSKAS

Estéticas feministas do corpo: potências e insurreições no imaginário artístico contemporâneo.

Mulheres artistas, elaborando suas experiências e pensamentos corporificados sobre o mundo, expõem a fundamental assimetria de poder presente em nossa cultura. Se essa cultura cria oposições que restringem muitas vezes tais experiências de liberdade, suas obras de arte abrem-se violentamente para reencontrar aquilo que foi dela excluído: suas fissuras, a impureza, o horror, mas também as potências do corpo, as insurreições sensíveis e os espaços de resistência a partir da imaginação.

Discutiremos nessa comunicação as práticas feministas das artistas brasileiras Adriana Varejão e Rosana Paulino, buscando pensar como o estético se converte num meio de confrontação visual das formas e sistemas de conhecimento instituídos, dialogando com o pensamento de Michel Foucault sobre as contracondutas e sublevações no seio da cultura. Essas imagens artísticas formulam torções no tempo e um estilhaçamento de discursos tradicionais que percorrem os domínios da arqueologia, história e história da arte, antropologia, botânica, anatomia, biologia e psicanálise, compondo outros saberes e sistemas de conhecimento que brotam de seus processos de investigação estéticos.

Nesse sentido, as transformações no imaginário artístico contemporâneo estimulam-nos a debater e repensar as convenções das ciências humanas, para encontrarmos espaços do pensamento que estejam mais alinhados aos nossos mundos sociais e subjetivos: a irrupção de sentidos outros, propostos por imagens e formas – passagens para sensações, afetos, prazeres, traumas e sentimentos destituídos de valor nos sistemas masculinos da cultura dominante.

21. MARCELO HOFFMAN

Enquêtes in Foucault's Theory and Practice

The *enquête* consisted in the practice of constituting knowledge for explicitly political purposes that was popular across a range of radical movements in France in the late 1960s and early 1970s. Michel Foucault had the unique merit of *simultaneously* historicizing and practicing the *enquête* in the early 1970s. Just as he probed the inquiry (*enquête*) as a procedure for establishing the truth as fact stretching all the way back to the classical period of Greek antiquity he *also* conducted investigations (*enquêtes*) into prison conditions on behalf of the Prisons Information Group (GIP). What exactly was the relationship between these *enquêtes*, and what point should *we* take away from it? This paper points to a stark but bridgeable gap between Foucault's analyses of the *enquête* and his practical deployment of *enquêtes*. In his lectures, Foucault disclosed the origins of the *enquête* in various form of political power, first in tyranny in Greek antiquity and then in the judicial practices of the nascent medieval state. Noticeably, however, he barely touched on *enquêtes* as weapons of resistance to the exercise of power. By contrast, in his activities on behalf of the GIP, Foucault sought to harness *enquêtes* as precisely such weapons without even hinting at their political origins. What we have then are two markedly different presentations of the *enquête* as we traverse the difficult terrain from Foucault's theory to his practice. This paper suggests ways of minimizing this gap but it also dwells on the gap itself to tease out its implicit lesson, namely, that the practice of the *enquête* is open, dynamic, and reversible.

22. MÁRCIO ALVES DA FONSECA

O direito contra a norma

Segundo a perspectiva usualmente associada à “analítica do poder” desenvolvida por Michel Foucault, o direito dificilmente pode ser encarado como um instrumento de resistência. Ao contrário, explicitado em suas implicações com os mecanismos da normalização, ele está associado, sobretudo, às formas variadas de controle e de condução das condutas. Em oposição a estas formas de assujeitamento, o pensamento de Foucault acerca da ética é que abriria espaço, então, para a atitude insurrecional. Desse modo, os campos estariam bem distribuídos: do lado da ética, alinham-se as práticas de existência, as formas concretas de exercício da liberdade, as expressões de contra-conduta; do lado do poder, emparelham-se as práticas da norma, os mecanismos de objetivação e de assujeitamento associados ao governo dos homens e das coisas, às instituições, ao Estado e ao direito. Porém, cabe perguntar se o pensamento de Foucault comporta de fato esta repartição rigorosa. Se, por um lado, ao menos conceitualmente ela parece fazer sentido, por outro, a consideração do domínio das práticas – invariavelmente presente nas análises do filósofo acerca do poder e da ética – sobrepõe à repartição estrita entre as realidades mencionadas (práticas de existência, formas concretas de exercício da liberdade, expressões de contra-conduta, práticas da norma, mecanismos de objetivação e de assujeitamento, governo dos homens e das coisas, instituições, Estado, direito) âmbitos de simultaneidade, trocas de posições, pontos de reversibilidade. Para aprofundar esta hipótese, consideraremos em particular o direito, segundo a perspectiva de Foucault, como arma de resistência e associado à atitude insurrecional.

23. MARGARET McLAREN

Resistance and Revolution: “Everything is not Equally Dangerous”

Many critics of Foucault, including feminist critics, remain skeptical that his work provides the tools necessary for liberatory political movements. They claim that his rejection of universals, of humanism, and of Enlightenment notions of freedom, truth and subjectivity results in a relativism or nihilism that cannot serve as the basis for political or moral claims. I argue, on the contrary, that Foucault’s work provides rich resources for social and political criticism and activism. To support my argument I elucidate his often misunderstood “analytics of power” and articulate the distinctions that he makes between power and domination in his work. I also draw on his interviews and activism, which clearly demonstrates that he did not think it was hopeless to rebel. Finally, I illustrate through concrete examples of feminist resistance and women’s activism the possibilities for social change (resistance and revolution) even within networks of power and domination.

24. MARGARETH RAGO

Neoliberalismo e Insurreições feministas

Considerando as instigantes reflexões de Michel Foucault sobre o neoliberalismo, o direito e a ética, pergunto pelas “políticas da subjetividade” formuladas pelos feminismos, no Brasil, nas últimas décadas. Essa discussão ganha importância no contexto dos debates que opõem de um lado, alguns grupos que combatem a “lógica da punição” e que entendem que os feminismos

reforçam o poder punitivo do Estado, ao demandar políticas públicas para as mulheres e leis de criminalização da violência de gênero, e de outro, as ativistas feministas que lutam e proclamam a autonomia das mulheres e a constituição de “sujeitos éticos” e de novas formas de ação política para as mulheres. As reflexões e posições de Foucault em relação à criação de um novo direito e da ética oferecem, nesse sentido, pistas fundamentais e novas ferramentas conceituais para esse debate.

25. MARIA RITA DE ASSIS CÉSAR

“É inútil revoltar-se?” Os feminismos contemporâneos e suas revoltas

“As insurreições pertencem à história. Mas de certa forma lhe escapam.” Na virada do século XIX para o XX, feminismo nasceu das revoltas e das insurreições contra os poderes constituídos que determinavam às mulheres papéis de subalternidade. Assim os feminismos permanecem no século XXI, insurgindo-se contra variadas formas de violência que insistem em violar os corpos, direitos e modos de vida das mulheres. Este texto pretende analisar alguns dos movimentos feministas contemporâneos a partir de algumas chaves do pensamento de Michel Foucault sobre a revolta, a resistência e contra-condutas. Trata-se de tentar compreender estas três instâncias do ponto de vista do pensamento de Foucault, bem como de investigar a possibilidade de operá-las para pensar os movimentos e as ações dos coletivos feministas contemporâneos, que ora rejeitam o Estado como interlocutor, ora interagem com os poderes constituídos e ora se insurgem contra todo e qualquer poder e governo, colocando-se em risco.

26. MARILDA IONTA

Amizades femininas: a rebeldia dos afetos

A obra e a vida de Michel Foucault é um convite à subversão do pensamento e à criação de novos modos de vida. Seu legado intelectual continua a suscitar novos temas, problemas e abordagens. Ao traçar o diagnóstico da atualidade, Foucault lançou luz para a potência política da amizade, reabilitou-a como estética da existência, como forma de vida e como resistência criativa à biopolítica contemporânea. Com isso, abriu campos inovadores de problematizações, para pensar os modos de produção das subjetividades na contemporaneidade e a política como fluxos de afetos intensos, capazes de afetar as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o outro. Suas reflexões sobre o tema em intercurso com o pensamento feminista permite retrair as práticas de amizades femininas que foram excluídas da história escrita no masculino e dos discursos canônicos da amizade. Nessa direção, neste texto busco cartografar experiências femininas de amizade e pergunto pelas implicações éticas e políticas das relações tecidas pelas mulheres. Que tipos de afetos as amizades femininas estimularam e estimulam a se sublevar? A insurreição dos afetos das mulheres gestaram modos de vida femininos e feministas? Quais seus impactos no processo de conquistas de práticas de liberdades?

Para Foucault, na modernidade, a amizade livre das codificações sociais, coações hierárquicas e obrigações presentes na Antiguidade clássica torna-a extremamente atraente para ser retraçada, pois cria espaços intersticiais capazes de fomentar tanto necessidades individuais quanto coletivas, levando em consideração as diferenças e autonomias. Por isso, a amizade pode ser uma prática de autotransformação e aperfeiçoamento que possibilita modificar a

própria vida e retraçar o político, criar novos estilos de vida e comunidade que escapam às formas de subjetivação ligadas ao medo, ao ódio, à obediência, à lei e à ordem. Ela aponta para outras formas de subjetivação ligadas à liberdade, autonomia, alegria, enfim, ao desejo e ao aumento da potência de existir.

27. MAURA CORCINI LOPES

Por uma forma de vida surda: sua existência basta

Instigada por Michel Foucault, em texto publicado em 1979, no *Le Monde*, em prestar atenção em sinais daqueles que possuem contra si tudo o que se dedica a fazer-lhes silenciar, proponho desenvolver uma reflexão sobre o tema da normalidade na Contemporaneidade, tomando o exemplo dos surdos. Assume-se a luta por ser surdo e questiona-se a produtividade da captura da singularidade pelos discursos da identidade e pelo enquadramento da identidade surda nos discursos sobre normalidades diferenciais. Tais normalidades podem ser entendidas como estratégia para fazer calar ou homogeneizar vozes que se sobressaem e que mobilizam forças contrárias à sua existência.

28. OSWALDO GIACOIA

Insurreição e Deposição

Numa instigante passagem de *O Uso dos Corpos*, podemos ler: "No pensamento da modernidade, as mudanças políticas radicais foram pensadas através do conceito de um 'poder constituinte'. Todo poder constituído pressupõe em sua origem um poder constituinte que, através de um processo que frequentemente tem a forma de uma revolução, o institui no ser e o garante. Se nossa hipótese sobre a estrutura da *arché* correta, e se o problema fundamental é hoje não a obra, mas a inoperosidade, e se esta pode atestar-se, todavia, somente com respeito a uma obra, então o acesso a uma diferente figura da política não poderá ter a forma de um 'poder constituinte', senão que aquela de alguma coisa que possamos provisoriamente chamar 'potência destituente'. E se ao poder constituinte correspondem revoluções, motins e novas constituições, isto é, uma violência que põe e constitui o novo direito, pela potência destituente ocorre pensar estratégias inteiramente outras, cuja definição é a tarefa da política que vem. Um poder que só é abatido com uma violência constituinte ressurgirá em outra forma, na incessante, inexorável, desolada dialética entre poder constituinte e poder constituído, violência que põe o direito e violência que o conserva". (Agamben. G. *L'Uso dei Corpi*. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2014, p. 336s).

29. PEDRO DE SOUZA

A voz do dono e o dono da voz.

O corpo posto em risco na batalha dos discursos

Quando Chico Buarque foi abordado por um grupo de jovens, na noite de 21 de dezembro de 2015, na saída de um restaurante no bairro Leblon, Rio de Janeiro, foram as palavras dirigidas a ele que provocaram maior espanto:

“Você é um merda”, “petista ladrão”, “vai morar em Paris”, “vai pra Cuba”

Mas, diferente do que foi imposto ao compositor no período da ditadura militar no Brasil, Chico Buarque não estava recebendo uma ordem: “cale-se”. A advertência que lhe chegava mediante a interpelação intempestiva dos jovens rebeldes, ao mesmo tempo verbal e física, vigiasse o próprio dizer, considerando a prestigiosa posição de visibilidade que do espaço artístico ao domínio político lhe confere pleno acesso à tomada da fala.

Pela circulação em imagens gravadas em vídeo, no instante do episódio, viu-se que, ao mesmo tempo em que replicava as palavras agressivas que lhe eram dirigidas, o compositor se movimentava corporalmente entre seus agressores. É esta atitude de colocação do corpo em movimento no mesmo espaço onde escutava, quase ao pé do ouvido, proferimentos ofensivos e provocadores que quero tematizar aqui. Quero, sobre este ponto, ligar o fato vivido por Chico Buarque de Holanda, ao que disse uma vez Michel Foucault sobre a coragem: “Ah, sim! Mas só existe coragem física, a coragem é sempre um corpo corajoso”. Foi o que ele respondeu a Paul Veyne, quando este expressou admiração pela grande coragem física do amigo.

No conjunto de artigos produzidos para o jornal italiano “Corriere della Sera”, relatando os acontecimentos da revolução iraniana em 1978, Michel Foucault chama atenção para a colocação de si em perigo. Foucault ressalta o fato de os manifestantes, espalhados nas ruas de Teerã, arriscarem-se a tal ponto de entregarem a própria vida ao poder. Vimos isto acontecer em São Paulo quando jovens estudantes interditaram grandes avenidas no protesto contra o projeto de reorganização escolar imposto pelo governo do estado. Uma série de imagens jornalísticas evidenciam o confronto corpo a corpo entre cada estudante e o poder instrumentado por forças policiais.

No caso Chico Buarque, tenciono refletir no sentido de fazer aparecer o ato de insurreição contra a forma de poder que não se aloca precisamente no governo, mas no discurso que se produz sobre ele. Aludo então a uma atitude do abandono de si à experiência de dizer que coloca à prova o próprio corpo enquanto age falando. Na cena da batalha discursiva entre o compositor e os jovens que o interpelam, aponto a voz soando como contra-conduta em meio a outras vozes. Na tomada e manutenção da palavra replicante, a batalha do discurso consiste, antes de fazer valer as palavras que proferem, luta para manter a própria voz no confronto com outras vozes, estas que ressoam na escala dominante da vontade de dominação. Quero assim marcar a singularidade do episódio aqui em foco, à luz do pensamento foucaultiano sobre relação entre coragem e ato de insurreição. O que focalizo, portanto, é a coragem do dizer verdadeiro, ou seja, a que aparece de modo indissociável de sua origem no corpo.

30. PETER PÁL PELBART

"Aos nossos amigos"

Esse é o título de um livro recente publicado pelo *Comitê Invisível*, ligado ao grupo Tiqqun, na França. Trata-se de uma espécie de manual da insurreição contemporânea, cujo teor será analisado à luz de algumas de suas fontes, entre as quais se encontra a teorização foucaultiana a respeito.

31. PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA

Foucault e as insurreições político-conceituais: sobre a verdade e o intelectual

Esta comunicação trata das insurreições político-conceituais de Foucault, principalmente no que diz respeito aos temas da verdade e do intelectual. Ambos os campos se conectam quando prestamos atenção na sugestão de Foucault sobre a tarefa do intelectual: criar novas políticas da verdade. Essa temática da criação será trabalhada a partir do tema da coragem da verdade, desenvolvido nos últimos cursos de Foucault dados no Collège de France, nos quais ele destaca uma concepção de verdade percebida na cultura antiga, que tinha como principal objetivo produzir a transformação do sujeito. Esta noção, portanto, não se vincula à vontade de saber tão característica à modernidade e à cultura cristã. As insurreições de Foucault no pensamento e na prática política, portanto, estão relacionadas fortemente: uma alimenta a outra.

32. SALETE OLIVEIRA

Aprisionamentos de jovens, revoltas, fugas e o indomesticável

Foucault, no início da década de 1980, em uma brevíssima passagem de *Omnes et singulatim: uma crítica da razão política* situa uma situação-limite em carne viva. A de um corpo torturado para falar ou a se comportar de certa maneira, logo um corpo alvo de uma força exercida sobre ele. A cena continua. Diante dessa força se ele sucumbe e fala ou assume, portanto, uma conduta esperada, diz Foucault, quando seu último recurso teria sido segurar sua língua, preferindo a morte, é porque sua liberdade foi sujeitada ao poder e ele foi submetido ao governo. Ao diferenciar força, poder e governo Foucault explicitou, simultaneamente, que não há relação de poder ou de governo que se instale diante de uma *recusa* ou *revolta* em potencial. Longe da apologia da morte em nome de uma causa, seja ela qual for, está-se frente a frente, cara a cara, com urgência da afirmação da vida em percursos livres; que começa e termina a partir de um corpo corajoso, de uma força viva e livre, indomesticável. O ano de 2015 foi farto em alaridos de autoridades, especialistas e pesquisadores de toda ordem em torno das fugas inumeráveis de jovens encarcerados em unidades de internação. A maior onda de revoltas e fugas em uma década no estado de São Paulo, desde que o medonho cárcere chamado FEBEM se transformou no abominável cárcere Fundação CASA, em 2006. Estes jovens em sua revolta e coragem, mostraram algo muito simples e de forma direta, assim como escancaram os libertários desde o século XIX: a prisão não é para ser reformada, emendada, ou remendada, é para ser queimada, fulminada, abolida. Urge abolir o aprisionamento de jovens no país. Mas só isto ainda não basta. Entretanto, talvez este seja um dos baixos começos que traga viço, vigor e coragem à nossa existência fugaz no presente e que faça da revolta o gesto simples e direto capaz de sacudir o consenso que se pretende intocável em torno do castigo e do aprisionamento de crianças e jovens, enunciando, simultaneamente, a força de um minúsculo escândalo indomesticável.

33. SALMA TANNUS MUCHAIL

Insurreições espirituais

São poucas as passagens em que Foucault se refere explicitamente ao tema da *espiritualidade*. Também não se encontram muitas passagens acerca das *revoltas*, *revoluções* ou similares. Mediante uma análise e cruzamento destas passagens, trata-se de

indagar se é possível falar de algo como “*insurreições espirituais*” no pensamento de Michel Foucault.

34. SILVIO GALLO

35. TONY HARA

Da sublevação e do governo de si mesmo

Em abril de 1983, H. Dreyfus e P. Rabinow perguntaram a M. Foucault o que viria depois de terminado o livro *As confissões da carne*. Foucault responde fazendo um diagnóstico: “Eu me pergunto se o nosso problema hoje não é o mesmo, [a constituição de uma espécie de moral que fosse uma estética da existência] nós não acreditamos que uma moral possa ser fundada sobre a religião e não queremos um sistema legal que intervenha em nossa vida moral, pessoal e íntima. Os movimentos de liberação recentes sofrem por não encontrar princípio sobre o qual fundar a elaboração de uma nova moral. Eles precisam de uma moral, mas não conseguem achar outra senão aquela que se funda sobre um pretenso conhecimento científico do que seja o eu, o desejo, o inconsciente, etc.” Pensando nisto que é necessário, o tema de nossa conversa é o “desprender-se de si mesmo”, enquanto recusa da identidade que nos foi imposta, questionamento de nossas “verdades”, exercício efetivo da liberdade; enquanto busca e experimentação de novos princípios éticos adequados às lutas culturais contemporâneas.

36. VERA PORTOCARRERO

***Parresía*, injunção da verdade e deslocamentos genealógicos**

Nosso objetivo é analisar os conceitos de discurso, sujeito e verdade por meio de deslocamentos genealógicos conforme propostos por M. Foucault. Serão enfocados diferentes tipos de “verificação”, de *Parresía*, desde aqueles que dizem respeito a um direito ou dever em relação à cidade e aos outros, até aqueles que definem um *êthos* ou modos de fazer e de ser, modos de os indivíduos se conduzirem face à sua constituição como sujeitos morais. Pode-se dizer que um dos aspectos que mais interessa a Foucault é a historicidade das modalidades de prática discursiva às quais se atribui valor de verdade e seus efeitos éticos e políticos, ou melhor, os modos de ser dos discursos de verdade. Será ressaltada sua ideia de que a modalidade “parresiástica” própria dos antigos teria desaparecido e não apareceria mais no quadro epistemológico da modernidade. A relação que a caracteriza na Antiguidade - entre aquilo que se diz e o modo de vida daquele que fala como prova de verdade - teria sofrido deslocamentos históricos que a dirigem para uma desvalorização, ao mesmo tempo em que passa a prevalecer o conceito de sujeito de conhecimento e se enfatiza, como trabalho filosófico, a pesquisa do processo cognitivo de reconhecimento da verdade. Novas formas hegemônicas de verificação, em que há ligação com o modo de vida, contudo, passam a ser encontradas na modernidade. Elas são vinculadas à crítica. Tais como a verificação do discurso do revolucionário ligado a um modo de vida moderno, que, a partir do século XVIII, se caracteriza por uma crítica à sociedade; a do discurso filosófico com análises da finitude humana e críticas fundadas em diferentes estratégias para pensar o homem e sua finitude a

partir de si mesmos – como aquelas estudadas em *As Palavras e as coisas* (FOUCAULT, 1999) compreendidas por Foucault como efeitos de uma confusão entre o empírico e o transcendental, entre o cogito e o impensado e entre o retorno e o retorno da origem, que constituem um antropocentrismo. Finalmente, a verificação do discurso científico que conduz à crítica dos preconceitos, dos saberes e das instituições

37. YOLANDA GLORIA GAMBOA MUÑOZ

Foucault: Um alquimista rebelde.

A partir da problemática das não relações, das relações e da constituição rebelde de novas relações, mapearemos transversalmente determinados pontos do percurso foucaultiano. Faremos essa seleção de modo que permita desenhar a perigosa temática relacional e alquímica da discursividade foucaultiana, em especial, a mistura entre verdade e ficção, que levou Foucault a afirmar ter escrito só ficções ressaltando a possibilidade de “fazer funcionar a ficção no interior da verdade” e, ao mesmo tempo, introduzir “efeitos de verdade num discurso de ficção”. Dessa forma, tentaremos explicitar como seu “tentar pensar de outra maneira” e sua inserção no “presente” direciona-o na complexa fabricação discursiva de algo que ainda não existe, que se “ficcionaliza”.